

Jornal das Senhoras – Tomo VI. – 22 de outubro de 1854 – Edição 43

Link: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/700096/per700096_1854_00043.pdf

3º ANNO.

TOMO VI. — DOMINGO, 22 DE OUTUBRO DE 1854.

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da capa.

SELO: BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

CHRONICA DOS SALÕES.

Mal descansávamos de haver escripto a chronica que vos demos, leitoras, no domingo passado, eis que vemos mais uma semana quasi a voltar a pagina do passado no grande livro do mundo elegante, e obrigada a fazermos novamente a resenha de quanto occorreu durante ella, para de tudo vos dar fiel conta.

Felizmente, desta vez, não nos acontecerá o caso de não ter que dizer, nem soffrereis o logro que vos pregámos no domingo passado, fazendo-vos ler um artigo que nem uma noticia continha, pois bem sabeis que nada havia occorrido, e portanto já devieis estar prevenidas para nos conceder vossas desculpas e aceitação para os pensamentos geraes com que enchemos a ultima *Chronica dos Salões*.

Com effeito, a brilhante reunião da sociedade *Vestal* nos dá matéria sufficiente para uma historia, e ao mesmo tempo para algumas observações, que nos será permittido fazer.

Na noite de 14 do corrente franqueou esta sociedade o seu elegante salão ao concurso numero de seus convidados. A's oito horas teve principio a parte harmonica do divertimento, na qual tomárão logar cinco senhoras que obsequiárão a directoria com a execução de lindas peças de musica, de escolhido gosto; e tambem alguns artistas concorrêrão para o prazer desta

parte da noite. Seja-nos porém permittido fazer particular menção da joven dilettanti que pela primeira vez se fez ouvir em companhia, pois que já das outras senhoras temos applaudido o merecimento. Realmente foi muito apreciada a brilhante voz de soprano da Exm. Sra. D. I. P. da S. em uma bella aria da *Prisão de Edimburgo*, que executou com justeza e cheia de expressão. Sua voz pareceu, ás primeiras notas, um pouco tremula pela impressão muito natural de cantar pela primeira vez diante de tão grande auditorio: mas bem depressa dissipou-se o seu receio, e os applausos que recebeu forão sincera expressão do seu muito merecimento. Queira esta interessante senhora continuar a concorrer para o brilhantismo da sociedade *Vestal*, certa de que muito agradou; que a directoria lhe será, sem duvida, grata; e o auditório a ouvirá sempre com extremo prazer.

Temos esperanças de ver, talvez em breve, restabelecida uma sociedade phil-harmonica no seio da *Vestal*, se a incançavel directoria continuar com perseverança nos cuidados e bellas disposições que emprega para este fim.

Consta-nos que na proxima reunião algumas senhoras de mérito artístico reconhecido farão o obséquio de cantar algumas arias, duettos e tercettos, e é de esperar que o numero de cantoras se torne numeroso.

Terminada esta parte do divertimento, e depois

de servido o chá com a decencia e abundancia costumada, começou a confusão de damas e de cavalheiros que em delirio procuravão pares para as contradanças. Não houve senhora que não fosse instada; não houve cavalheiro que não pedisse; e houve tambem entre as damas a feliz lembrança de refugiarem-se no *toilette* para deixar passar esses momentos de atroz instar, mas debalde, que os insaciaveis dançantes puzerão em sitio á porta deste mysterioso recinto até que conseguirão a concessão tão desejada de uma contradança.

Quando porém a turba masculina nos cercava, pareceu-nos, leitoras, ao sahir do *toilette* achar alguma cousa de anormal entre os cavalheiros, e logo percebemos que, o que nos causava impressão, era ver que em um baile da ordem da *Vestal*, frequentado por pessoas respeitaveis, se havião apresentado alguns *interessantes* cavalheiros trajando calças de côr, outros trazendo na mão chapéo branco, etc., como se estivessem em alguma festa de campo, ou como se fossem elles os mais notáveis figurões que ahi se achassem. Não sabem esses senhores, que o traje

preto lhes é imposto em uso, sempre que devem comparecer em algum lugar de respeito e cerimonia? Quererão elles servir de modelos para que se adopte agora o estylo *sans façon*? Enganão-se, porque cremos bem que as senhoras cortarão esse abuso negando-se a dançar com cavalheiros que não estejam trajados convenientemente ao lugar em que se achão: é, ao menos, o que temos proposito de fazer para evitar que levem a franqueza a ponto de irem aos bailes de *sobre-casacas* ou mesmo de *paletós*. Não se desculpem elles com a estação calmosa, da qual já se vão resentindo os nossos salões, na qual as bellas noites de prazer e animação se vão tornando menos frequentes; pois que, se os incommoda o calor, attendão á sua commodidade sem despreitar as etiquetas de salão e os usos das sociedades.

Eis aqui, queridas leitoras, o que me occorreu noticiar-vos — e criticar. Talvez alguma cousa mais devessemos mencionar; porém confessamos que nos entretivemos tanto com a musica e com as calças de fantasia de alguns elegantes, que pouca attenção prestámos ao mais, além de alguma insulsa fineza que fomos obrigada a ouvir, a ponto de se nos render um pomposo elogio por havermos cantado muito bem, sem que tivessesmos ao menos nos aproximado das cantoras! Temos ainda o pezar de haver desconcertado seriamente o lisongeiro negando-lhe acceitação e accusando-o de pouco verdadeiro.

Alina.

EXPLICAÇÃO DO PADRÃO DE BORDADOS.

- N.º 1. — Collarinho — Bordado brasileiro.
- N.º 2. — Collarinho — Bordado de applicação, de caça sobre filó.
- N.º 3. — Festão para folhos.
- N.º 4. — Bordado para lenço — Applicação de caça sobre filó.
- N.º 5 e 6. — Tiras bordadas a ponto inglez.
- N.º 7. — Entremeio — Bordado brasileiro.
- N.º 8. — Meio de lenço a ponto d'armas.
- N.º 9. — Nome bordado de festão.
- N.º 10. — Meio de lenço, a ponto real.
- N.º 11. — Brazão para lenço, a ponto real e ponto inglez.
- N.º 12. — Nome bordado a ponto real.
- N.º 13. — Nome bordado a ponto real e festão.
- N.º 14. — Nome bordado a ponto real.
- N.º 15. — Nome bordado a ponto de cadeia.

- N.º 16. — Nome bordado a ponto inglez.
- N.º 17. — Camisinha de caça com entremeio de Valenciana.
- N.º 18. — Mangas de caça.
- N.º 19. — Touca de renda e bordado inglez.
- N.º 20. — Peitilho de fofos de caça e laços de fita.
- N.º 21. — Mangas de caça, de fofos e laços de fita.
- N.º 22. — Camisinha bordada.
- N.º 23 e 24. — Iniciaes bordadas a ponto real.

A PRIMEIRA MENTIRA.

(Continuado do n.º 42.)

No dia seguinte, Mr. Saint-Elme se apresentou de manhã em casa de M.me de Courtenay. Carlos estava ausente, e o visitador tinha um pouco confiado nisso. Lucy, admirada, hesitou primeiro em recebê-lo; depois, lembrando-se que estava á discrição d'elle, e temendo descontentá-lo, deu ordem que o fizessem entrar para o salão, e appareceu immediatamente.

Mr. Saint-Elme saudou-a com ar que procurava tornar tímido; porém desembaraçou-se logo, entregando-lhe o leque que encontrára na carruagem de M.me de Boisjoli:

— 339 —

— Aqui vos trago, senhora, disse elle com tom de confiança, a testemunha *muda* (carregou nesta palavra) de uma noite de que não posso perder a memória. Outras testemunhas não serão menos discretas.

Lucy, sem levantar os olhos e sem proferir palavra, fez um movimento de cabeça que indicava um agradecimento.

Mr. Saint-Elme continuou:

— Não será mais licito esperar do acaso a volta de igual ventura?

— Era com effeito um acaso, senhor. Raras vezes estou sósinha, e, quando Mr. de Courtenay está aqui, não vou ao theatro sem elle.

— Nem sempre elle está livre para vos acompanhar. Que mal haveria então em aproveitardes um divertimento que se apresenta e que vos é offerecido por uma amiga?

— Nenhum, sem duvida; mas, a este respeito, nada tenho que desejar, e se julguei dever occultar a Mr. de Courtenay o divertimento que me deu M.me de Boisjoli, foi porque elle sentiria que eu o devesse a outros.

— Sois um anjo. Quão adorável é a vossa indulgencia! Não se podem dar cores mais agradaveis a um abuso de autoridade. Feliz Courtenay, de reinar n'um coração ao qual outros se glorião de obedecer!

Lucy começava a sentir-se assaz embaraçada, quando Carlos entrou. Por uma delicadeza fácil de compreender, ella não se tinha dado pressa de guardar esse leque trazido com tanto mysterio, e que parecia servir de pretexto á galanteria de de Mr. Saint-Elme; porém, á vista de Carlos, quiz pegar nelle: não tendo podido fazel-o com presteza, sua mão estendida sobre a mesa ahi deixou ficar o mal-aventurado leque. Mr. de Courtenay, sorprendido de achar em sua casa a tal hora Mr. Saint-Elme, tinha feito cara carrancuda. Saint-Elme explicou sua visita, offerecendo da parte de M.me de Boisjoli dous logares nos *Bouffes* para a noite. Carlos recusou. A nuvem engrossava. No mesmo instante avistou o leque sobre a mesa.

— Ah! disse elle com um pouco de máu humor, eil-o de volta?

— Sim, meu amigo, trouxerão-m'o agora.

Dizendo estas palavras, Lucy corou até os olhos, e lançou a Mr. Saint-Elme um olhar que foi comprehendido e não escapou a Mr. de Courtenay.

— Foi Saint-Elme que o trouxe, disse elle consigo.

O sangue lhe fervia nas artérias; elle sahiu do salão. Saint-Elme se despediu, e Lucy ficou fria e passada.

Carlos, encerrado em seu gabinete, furioso e desesperado, buscava em vão ordenar um pouco suas idéas. De repente seu espirito se pôz a cotejar varias circumstancias que lhe parecerão gravissimas. A carta queimada, a perturbação de Lucy depois de sua chegada, a assiduidade de Saint-Elme para com ella em casa de sua prima, essa distracção singular, e essa indisposição no theatro, precisamente depois de elle ter insistido para que ella pegasse nesse leque; enfim esse mesmo leque quebrado, segundo dizião, achado ahi ao mesmo tempo que Saint-Elme, e, mais que tudo isso ainda, a emoção de Lucy e os olhares de intelligencia que sorprendêra.

Que fazer para se convencer de uma desgraça que parecia mais que muito certa? Todas as idéas extremas passarão em um momento por este espirito perturbado. Fiar-se, pedir conselho, ir ás inquiries, inquietar M.me de Boisjoli, matar Saint-Elme ou morrer, confundir e desesperar Lucy, Carlos pôz tudo em deliberação. Depois ficou suspenso: a elevação de sua alma venceu a exaltação de seu cerebro. Repelliu como indigno de si tudo o que não era

conforme com o respeito que elle tinha á mulher que escolhêra, a quem amava, e tambem com o que a si mesmo devia, com seu character de franqueza e de lealdade. Escolheu o partido mais prudente, o de conter-se, observar e prevenir sem escandalo, se fosse tempo, a desgraça, cuja supposição só, lhe transtornava toda a existência. Reappareceu pois com o ar que queria ser calmo: mas sua agitação era mal disfarçada sob uma apparencia de constrangimento que gelava a pobre Lucy.

Depois de alguns minutos de um silencio de embaraço, ella se aventurou; seu coração sentia bastante puro e firme para ir ao encontro da suspeita.

— Que tens, Carlos? disse ella com tom meio arrufado, meio affagador; voltaste muito amuado. Nunca te vi com semelhante humor.

— Sim, respondeu Carlos com ar sombrio; é preciso tempo para aprender mutuamente a conhecer-se. Faço tambem essa experiência.

— Que queres dizer? que ha de mudado entre nós?

— Quem sabe? Não sou antes eu que devo perguntal-o?

— Carlos, tu és injusto, disse Lucy estendendo-lhe a mão; eu sou sempre a mesma, tu só.....

Mr. de Courtenay se levantou sem pegar na mão que pedia a sua.

— Basta, interrompeu elle; não peço explicação, não quero condescendencias nem recriminações. Supponho que ficarieis mais satisfeita de mim, se eu acolhesse mais favoravelmente aquelles a quem honrais com particular benevolencia. Não posso prometter-vos este excesso de complacência.

Carlos sahiu pronunciando estas palavras com tom acre e cáustico.

Durante esta curta conferência, Lucy tinha tido de novo o pensamento de confessar tudo a seu marido, e de explicar assim os diversos incidentes que tinham podido originar suas inquietações; porém, tendo o tom de Carlos tornado impossível toda a effusão, ella tinha reconcentrado para o intimo de seu coração a verdade prestes a escapar-se. Sentia-se profundamente escandalizada das suspeitas de Carlos, e se maravilhava de ter elle ousado expressal-as. Sua culpa lhe parecia muito leve em comparação deste crime de lesa-confiança e de lesa-afeição. Que! pela mais simples apparencia, elle não hesitava em accusal-a, e em condemnal-a sem ouvil-a! Infamava-a, repellia-a, sem que uma duvida, um pezar viesse atravessar-lhe a alma! Que precisão

tinha ella de se accusar com estrondo, de se embaraçar de escrúpulos por uma ninharia, quando a julgavão capaz de esquecer seu amor e seus deveres? Ambos se considerarão como victimas, e de parte a parte ficarão agastados com segurança de consciência. A noite foi agitada; entretanto algumas horas de somno restituirão um pouco de calma aos espiritos.

De manhã, ainda estavam arrufados; mas as disposições estavam modificadas. Carlos sahiu cedo e esteve ausente a maior parte do dia. Reflectiu, e deixou a Lucy o tempo de reflectir. Cada um fez então reflexões mais justas sobre si mesmo. Se são mais graves os aggravos de Carlos, dizia Lucy comsigo, os meus forão os primeiros. Não sou eu a culpada de tudo o que me acontece? Não fui eu a primeira que tive falta de confiança e de sinceridade? A intenção me justifica, mas Carlos não pôde julgal-a. Elle é injusto porque soffre, e é de mim que lhe vem seu soffrimento..... Eu ia talvez dizer tudo hontem, se elle não se tivesse mostrado tão zombador e tão duro. Mas crer-me-ha elle agora? Confessar que menti, não é perder o direito de ser acreditada? Escutar-me-ha somente, elle que me suspeita sem se dignar de explicar? E' indigno, e eu não deveria ter o menor pezar por seu tormento.

Accusando assim alternativamente a Carlos e a si mesma, Lucy não se decidia a nada, desejava e receiava a volta daquelle que occupava todo o seu pensamento. De seu lado, Mr. de Courtenay se exprobrava o ter levado muito longe uma desconfiança ciosa, e sobretudo o não tel-a dissimulado melhor. Tudo o que lhe lembrava da ternura de Lucy, de sua franqueza, de sua rectidão, lhe demonstrava a impossibilidade de uma traição. O que elle tinha podido surpreender desde a vespera pela observação attenta desta natureza sem artificio, parecia dever confirmal-o nestas idéas animadoras. Lucy, pura e nobre menina, tinha por ventura passado subitamente da candura á impudencia e á hypocrisia? E se não era merecido o ultraje que elle lhe fazia, qual não devia ser sua indignação interna? Tinha-a repellido com dureza, sem querer ouvir uma palavra que talvez teria sido uma justificação sem replica. Entretanto, quando reunia este pequeno grupo de circumstancias que tinham excitado suas suspeitas, quando se lembrava (cousa de que queria inutilmente duvidar) do leque achado, dos olhares e da perturbação de Lucy em sua presença, a terrível convicção se apoderava de sua alma com a mesma força que no primeiro momento, e tudo se esvaccia.

Carlos voltou no meio destas dolorosas perplexidades. Lucy não estava só; era o dia em que Mr. e M.me de Courtenay recebião depois de seu casamento. Algumas pessoas erão habitualmente convidadas para jantar: amigos e conhecidos vinhão de noite sem convite. Ainda que Carlos e Lucy não estivessem com boa disposição de espirito no embaraço em que estavam um para com outro, os terceiros, longe de incommodal-os, lhes servião de distracção. Todavia

os convivas puderão notar os esforços que fazia M.me de Courtenay para parecer alegre, e igualmente a attitude silenciosa e melancólica de seu marido.

Veio pouca gente á noite; e a preocupação dos donos da casa não podia deixar de tornar fria uma reunião pouco numerosa, cujo encanto principal era de ordinario uma *sem cerimonia* de bom gosto, uma alegria que não excluia nem a razão, nem o espirito. A conversação estava languida. M.me de Courtenay tinha bonita voz; pedirão-lhe que cantasse alguma cousa: ella se sentava ao piano, quando annunciárão M.me de Boisjoli e Mr. Saint-Elme. Lucy tremula se pôz a cantar com voz mal segura um romance de Loisa Puget, que primeiro se offereceu, e que começa assim:

Je veux t'aimer sans te le dire,

Je veux t'aimer sans te l'écrire, etc.

Applaudirao muito; porém Carlos, que da tristeza passara ao enfadamento vendo Mr. Saint-Elme, e que julgou ver uma cousa feita de propósito neste romance, achou-o insignificante, e declarou que elle não quadrava á voz de M.me de Courtenay; depois, dirigindo-se directamente a Lucy:

— O piano não está afinado, lhe disse em meia voz; seria mais conveniente que vos occupasseis com essas cousas. Pois que nisso não cuidastes, aconselho-vos de renunciardes á musica por esta noite. Pois não reparastes na discordancia? Parece que não vêdes nem ouvis nada, não pensais em nada.

Lucy ficou interdicta, e este incidente, que não passou inapereebido, acabou de gelar a companhia. Mr. de Courtenay deu ordem que se formasse uma mesa de *écarté*. O jogo fez prompta diversão, e produziu um pouco de rumor e de movimento. A noite se adiantava, quando um jogador, confundido ou cansado de uma vêa de felicidade obstinada, pediu a M.me de Courtenay que viesse combater o destino e desapossal-o. Ella veio e triumphou da sorte: o feliz jogador foi vencido. Mr. Saint-Elme se apressou a tomar-lhe o lugar. Lucy empallideceu; mas todo o seu sangue lhe refluio para o coração quando viu Carlos sentar-se a seu lado e fitar nella um olhar cheio de ameaça. Toda a liberdade de espirito a abandonou; não vendo mais nada, incapaz de seguir seu jogo, jogava suas cartas ao acaso. Os apostadores ião queixar-se, quando Carlos os preveniu com desabrida interpegação, que não teve força de conter:

— Que diabo fazeis! disse elle a Lucy com voz assomada pela cólera; onde tendes a cabeça? descartais-vos dos trunfos. Não vêdes que o trunfo é paus e que tendes o rei? Dai-me vossas cartas e deixai a mesa; já não sabeis o que fazeis!

— Perdão, respondeu Lucy balbuciando, estou aturdida.

Os jogadores se apressarão a desculpar a distracção ou tontura de M.me de Courtenay. Mr. Saint-Elme queria dar-lhe tempo para socegar-se e recommençar a partida.

— Não, disse Carlos com tom abrandado, porem constrangido, M.me de Courtenay não sabe jogar. Vou tomar suas cartas.

Confuso elle mesmo do indecoroso despropósito que acabava de fazer por um motivo na apparencia

— 341 —

tão leve, estimava tomar certo ar pondo-se ao jogo.

Lucy se levantou, com o coração agitado, os olhos cheios de lagrimas, as mulheres que tinham ouvido o colloquio rodearão-na, e lhe testemunhárão sua sympathia, cada uma conforme seu character.

— Eu julgava que tu tinhas um marido modelo, lhe disse sua prima; mas elle toma o cuidado de mostrar-nos que assim não é. Peste! que amabilidade! Far-lhe-hei meu cumprimento quando o vir de melhor humor.

— Oh! minha cara, interrompeu M.me Descars, não somos perfeitos. O casamento é uma escola de indulgencia mutua. Os homens são os mais estragados: cumpre que sejamos as mais pacientes.

— Bem lhe tinha eu dito que passaria a lua de mel, disse por seu turno M.me de Boisjoli: ella não tinha visto ainda senão o amante; eis o marido. Pobre pequena! Confesso que eu não teria predito uma mudança tão rápida e tão completa.

Depois, voltando-se para Lucy:

— E' tomar um partido, minha cara, e espero que o tomareis.

A chegada de Mr. de Courtenay pôz termo a esta conversação. Era tarde, todos se retirárão. Lucy temia de se tornar a achar sósinha com Carlos, receava uma tempestade terrivel, e ficou tão pasmada quão commovida de seu silencio. Elle se lançou sobre um sofá como oppresso de fadiga e com a cabeça inclinada sobre o peito, o cotovello encostado em uma de suas mãos, e com a outra cobria a testa e os olhos.

— Bastante me contive! disse elle comsigo: quanto tempo serei reduzido a este miseravel papel? Oh! Lucy, Lucy! não sabes a que tormento me eu condemno! Que vingança poderá pagar o que eu soffro? Se eu me enganasse!... E o que preciso para não duvidar mais? Pois não a vi ainda esta noite commovida diante delle a ponto de me causar dó? E detive-me á idéa de uma scena publica que me tornaria ridiculo se fosse fundada, mais ridiculo se o não fosse!... Se o não fosse!... pobre louco!...

Enquanto Carlos assim fallava comsigo mesmo, Lucy lhe considerava a pallidez e alteração do seu rosto meio escondido. Os movimentos convulsivos da mão que sustentava a testa indicavão a violencia da commoção que elle continha; algumas lagrimas abrazadoras lhe escapárão por entre os dedos. Lucy deu um grito, e, lançando-se de joelhos:

— Carlos, lhe disse com voz resoluta, eu menti, perdoa-me, vou dizer-te toda a verdade.

Mr. de Courtenay se ergueu como por effeito de um abalo electrico, e fitando os olhos em Lucy:

— Falla, exclamou, falla!... Que tens que dizer-me?

Lucy, sempre ajoelhada, levantou seus olhos límpidos e suas mãos alvíssimas para Carlos.

— Eu te enganei, disse ella, mas tu não perdoarás, estou muito cruelmente punida. Minha intenção merece tua indulgência; sem reflectir dissimulei a verdade para te deixar gozar de uma satisfação que eu receiava perturbar. Menti, Carlos, porém não sou mentirosa. Esta confissão tendo-se cada dia tornado mais difficil, e devendo eu fazel-a agora para tranquillisar o teu amor, retive-a varias vezes com receio de assustar tua confiança. Louca que era! eu a perdia para poupal-a. Bem o vejo, tu pensas cousas que te não atreves a dizer; choras, e não me interrogas... Vou contar-te tudo; escuta-me, e nunca duvides de tua Lucy.

Esta voz firme e franca, este olhar puro e seguro, persuadirão Carlos, que tomou entre as mãos a cabeça da amavel menina, cobriu-a de beijos, depois, levantando-a, attrahiu-a em seus braços e a apertou sobre seu coração; então sómente longo suspiro se lhe soltou do peito, e, como desembaraçado de pesado fardo, deixou cahir estas palavras:

— Ah! Lucy, quanto mal me causaste! Porém perdôo-te, já me não lembro mais.

— Lembrar-me-hei eu, disse Lucy levantando-se, e nunca mais terás motivos de desconfiar de minha ternura e de minha sinceridade!

Depois, sentando-se, proseguiu:

— Cumpre-me que me ouças, Carlos, e me acreditarás. Mereço que duvides de meu testemunho; mas invocarei o dos outros, e me não faltarão provas.

— Provas, testemunhos! interrompeu Carlos; acreditar-te-hei sem isso. Sou tão feliz em possuir-te! Teu coração não illudirá a confiança do meu.

E, abraçando novamente Lucy com effusão, accrescentou:

— Tornei a achar-te; tu me amas; nada mais quero saber.

— Quero que saibas tudo, sim; e não terei descanso senão depois que tiver tornado impossivel a duvida para ti. A mulher que ama verdadeiramente deve explicar até os mais insignificantes incidentes da sua vida, se elles têm causado uma qualquer desconfiança em seu

marido. Com essa franqueza a mulher trilha um caminho seguro no coração do homem, não é assim, Carlos?

— Pois bem, para satisfação minha, não mo dirás mais nada hoje, e, para tua, escutar-te-hei amanhã.

(Traduzido por *Elisa*.)

— 342 —

POESIA.

O ECHO.

Quando eu era pequenino
Subia alegre e traquino
Da montanha ao alto pino
Para os echos escutar;
Suppondo ser uma fada
Que me fallava occultada
Para ouvir sua toada
Gritava atôa no ar.

Contava-lhe os meus amores
Meus segredos, minhas dores,
E os desejos matadores,
Que eu tinha no coração;
Eu tinha amores suaves,
Meus segredos erão graves:
Sentia não ser as aves,
Que no ar voando estão;

Eu amava a nuvem lisa,
Que pelo ar se deslisa,
Amava o sopro da briza,
Que beija o calix da flor;
Amava a lua engraçada

Com sua côr prateada,
Ora inteira, ora cortada,
Sempre triste, e sem calor,

Ouvir do echo eu queria
Todo o nome, que dizia,
Mas o echo repetia
Só das palavras o fim;
De certo, o mesmo fallando
Estava o mesmo pensando;
E o echo me confirmando
Eu ia dizendo assim:

Se o teu amiguinho
Fiel não te enfada,
Fada,
Vem já responder-me.
Com tua voz linda
Inda,
Se as cousas bonitas,
Que alguns disserão,
Erão
Verdade ou mentira,
Meu peito esta tarde
Arde
Por saber se as fadas
Um bello condão
Dão;
Que faz crear azas,
Que se vai volvendo,
Vendo
Jardins d'outras terras
Cheios de cheirosas
Rosas

Ao pé d'uma fonte....

Oh! isto é assim?

Sim.

Pois dá-me umas azas,

Quero ir na corrente,

Rente

Ver a mãe das águas,

Que está no profundo

Fundo;

E ver perto a nuvem,

Que no Céu desliza

Lisa

E ver se as estrelas

São frias ou quentes

Entes:

Se há anjos na lua,

Se o sol tem cabelos

Bellos....

Tu, qu'és uma fada

Depressa responde,

Onde

Acharei tuas azas?

Eu hei de atrear

O ar

Bemdizendo as fadas

Que o mago condão

Dão,

Oh! tu juras dar-me

Um condão assim?

Sim.

Adeus, boa fada,

Que o dia s'esvae....

Vae,

A' manhã as azas,

Oh! não é assim?

Sim....

Aureliano José Lessa.

— 343 —

UMA HISTORIETA.

Linda e formosa era a noite! O Céu mostrava-se tão puro e sereno como o rosto de uma menina de quinze annos em cujos lábios brilha o meigo sorriso da innocencia! A lua, com o seu manto de prata, caminhava lentamente, escoltada por lúcidas estrellas.

A atmosphera era livre e saudável, e uma aragem fresca e suave soprava tão brandamente, que parecia o respirar de uma linda donzella no seu tranquillo e innocente somno!

Jorge, contemplando silencioso tão sublime espectáculo, passeava a sós na praia do Cajú; extasiado dos encantos da natureza que o convidavam a viver e amar.

Bem perto dali porém, em uma casa de campo, tudo era alvoroço; e uma multidão era entregue aos prazeres da dança e canto. E tambem lá convidava-se a viver e amar! Mas Jorge fugiu do centro desses prazeres, e veio meditar e chorar, enlevado nas maravilhas da natureza; porque elle amava, mas não podia viver: tinha estado com a bella que idolatrava, e junto á ella havia colhido a prova de sua inconstancia.

Uma só idéa occupava o pensamento de Jorge, — o suicídio.

Um relógio soou doze pancadas.

— Viver!... oh! quanto é bella a vida gozando-se o objecto amado! Mas a traidora zomba do meu amor, e esta flor é a prova de sua ingratidão.

E, assim exclamando, Jorge apertava entre as suas mãos um lindo cravo branco, cujo perfume mais o martyrisava.

E contemplou o extenso mar, e como que perguntou-lhe:

— Morrer ou viver?

— Viver! respondeu uma doce voz; e um mimoso sabiá trinou com tal melodia, que Jorge ficou atonito, e exclamou:

— Não, devo morrer, porque ella é uma ingrata..... Devo abandonar o mundo e todos os seus encantos.... Oh! desgraçado o homem que ama para soffrer ingratidões!

Neste momento um doloroso suspiro veio surprender a Jorge, que voltando-se viu junto de si uma linda joven, toda toucada de branco, com uma linda camelia escondida nos seus bellos cabellos pretos.

Era ella, era Amélia, o anjo a quem Jorge amava.

— Devo morrer, porque já não me amas..... exclamou ella no meio de soluços.

E o seu coração palpitou cheio de dor.

Jorge ajoelhou-se e pediu-lhe perdão; mas, olhando o cravo branco, mudou de côr, e disse-lhe:

— Mas esse cravo, Amélia, não é o signal de vosso perjúrio?

— Ingrato! ciumento! Não sabeis que quem me offertou esta flor foi meu irmão chegado hoje de Inglaterra a bordo do vapor *Sewern*?

— Oh! ainda uma vez, perdão, Amélia! exclamou Jorge beijando-lhe a delicada mão.

E seus olhos se enchêrão de lagrimas.

E seu coração palpitou de alegria.

E seus lábios, que ha pouco dizião — morrer! — agora com energia e fervor exclamavão — viver!

Jorge e Amélia entrárão em casa no momento em que todos estavam á mesa. Era uma lauta ceia, e muitos os convidados. Um dos convivas, que queria passar por moço espirituoso, disse em alta voz:

— Como andão os dous priminhos tão juntos!

— Juntos, como devem andar dous esposos, exclamou Jorge. E dirigindo-se ao pai de Amélia accrescentou:

— Permittireis, meu tio, que eu apresente á esta sociedade Amélia como minha futura esposa?

— Uma vez que seja do gosto della.

— Meus senhores, um brinde aos futuros noivos, disse uma interessante matrona.

— E que o casamento seja quanto antes, ponderou o espirituoso mancebo.

— Daqui a oito dias, pela festa do Soccorro, disse o pai de Amélia.

E no dia aprazado o nosso tenente, o Sr. Jorge, recebia a bella Amélia por sua mulher.

I. R.

PEQUENOS ABUSOS.

Não cessão os pequenos abusos!

Quem diria que em um baile de primeira ordem se lembraria homem algum de apresentar-se trajando calças brancas ou alvadias?!

O uso dos chapéus sempre agarrados na mão, como bonecas em mãos de crianças, é também um tanto extravagante havendo nos bailes logar próprio para guardal-os com segurança. Não se lembrão os cavalheiros que, além de encommo-darem constantemente as senhoras com elles, quando danção, porque sempre se fica comprimido entre os muitos pares, também lhe é prejudicial o uso, porque os chapéus se estragão nos encontros que dão e que levão!

E um sujeito que passeia de bengala na mão pela sala do baile como se estivesse no Passeio publico ou em algum dos boulevards de Pariz.

Se as directorias consentirem nisto por nimia

— 344 —

condescendencia ou delicadeza, ver-se-hão talvez obrigadas a pôr de parte essas considerações para fazel-os apagar os charutos. Este facto classificariamos antes como desrespeito á sociedade, do que como pequeno abuso: entretanto classifique-o cada qual como lhe parecer.

Não me direis, leitoras, como aprenderão a andar certos sujeitos quando erão crianças, para que agora, homens feitos, não saibão evitar os vestidos das senhoras que rasgão constantemente com os pés?

E porque razão os cavalheiros que danção valsas e schotishs não se distribuirão de modo que dancem uns pares em quanto outros descansão um pouco, para evitar que sejámos atiradas consecutivamente umas sobre as outras, como petécas, soffrendo ás vezes fortes pancadas dadas pelo corpo de algum enthusiastado valsador? Protestámos não tomar parte nessas danças enquanto não tiverem ellas algum preceito, pois que ficámos muito magoadas na ultima vez em que a nossa inexperiência nos tornou victima de encontrões em uma dessas desordenadas correrias.

Por hoje basta; e para outra vez continuaremos a dizer alguma cousa.

Alina.

BOLETIM MUSICAL.

A imaginação do homem é incansavel, e o talento artistico está em constante concepção de novos productos de que é fértil, como o viçoso arbusto faz em perenne florescer, desabrochar

novas flores com que adorna os prados ao despontar de cada aurora. E como o alegre matiz de flores é o festival ornato dos prados, a musica é o enlevo animador dos nossos salões: e como desabroxaão flores em cada aurora apparecem tambem diariamente novas e sempre bellas composições musicaes.

Assim annunciámos hoje com prazer a publicação de mais uma nova quadrilha, de composição do Sr. Ramos, intitulada — *Theresopolina* — que recommendamos ás nossas leitoras por ser de muito bonito gosto. A Sra. Jacobson brindou também os amadores com uma grande valsa de sua composição, na qual reproduziu algumas flores de seu bello talento artistico.

Fallarei, entretanto, com especialidade das recentes composições do distincto musico, o Sr. Fachinetti: são tres missas em musica, sendo uma dellas dedicada a S. M. o Imperador, a dous côros, e com solos de todos os instrumentos, sendo um côro de meninos, e com pancadas de sino no credo, cujas badaladas representam uma frase da Escriptura Sagrada.

Achão-se estas musicas á venda na casa da Sra. Viuva Assis e Comp., a quem vierão remettidas: e pensamos que o digno autor será animado a entregar-se ao trabalho de novas producções de merecimento, em vista do delicado gosto que se desenvolve actualmente pela musica.

Consta-nos tambem que um amator acaba de compor um compendio de musica destinado a um novo systema de ensino, pelo qual se conseguirá aprender-se a musica como a leitura da escripta vulgar, para que melhor se possa applical-a depois á execução de qualquer instrumento. Se o autor conseguir fazer adoptar este systema de ensino, e produzir elle o resultado desejado, terá prestado á sciencia musical um importante serviço pelo qual receberá grandes louvores.

Entretanto suspendemos o nosso juizo e aguardamos a publicação deste novo trabalho, pelo qual, não obstante, felicitamos o incansavel autor pelo merecimento que anticipadamente lhe suppomos.

Alina.

CHARADA.

A muitos sustento a vida,
A defendo, e dou a morte;
Até dos próprios impérios
Tambem decido da sorte.
Todos me vendo correr,

Nunca dizem que eu fugi;
Porque corro, sem deixar
O lugar em que nasci. 2

Conservando prata e ouro,
E mil cousas de quebrar;
Guardo zeloso, trancado,
Para depois entregar.

Acompanha este n.º 43 um padrão de bordados.

TYP. do *JORNAL DAS SENHORAS*, RUA DO CANO N. 165.